Enxameação ao infinito como uma prática revolucionária: desejo nas escolas, a produção de singularidades e de potência de agir

Swarming to infinity as a revolutionary practice: *Desire in schools, production of singularities, and the ability to act*

Marilu Fontoura de Medeiros[1]

Resumo

Este artigo explora a produção do desejo, embebido pelas defesas de Deleuze e Guattari em experimentação em uma Rede Municipal de Ensino ao longo de quatro anos. Nela encontrou-se o desejo como produção, como potência, como criação. Marca a proposta de um processo revolucionário, nômade, que se instaurou nas escolas em seus múltiplos espaços-tempo, se enxameou a partir de lutas pontuais, que resultou na singularidade, na potência e na ausência de busca de totalidade ou de unidade despotencializadora em cada escola de uma Rede Municipal de Ensino, em experimentações com seus cerca de 60 mil alunos, quase 5 mil professores e funcionários, e que não são regidos nem do ponto de vista ideológico, nem da dominação partidária ou, sequer, da lógica de mercado da lei, do contrato ou da instituição.

Palavras-chave: Produção de desejo como criação. Potência de agir. Singularidades. Educação e liberdade.

Abstract

The aim of this article is to discuss the production of desire, based on the arguments of Deleuze and Guattari, during a trial run in a municipal school over the course of four years. We found desire as production, power and creation. The production of desire is a revolutionary nomadic proposal that has been established in schools in its multiple spaces and time and has developed from individual struggles, resulting in a unique, powerful and lacking search for unity in each school of the municipal education network. The trial runs included approximately 60,000 students and 5,000 faculty and staff members who are not governed by an ideological principle, dominant party rule or even the logic of the market, law, contracts or institutions.

Keywords: *Desire production. Uniqueness. Singularities. Education and liberty.*

[1] Instituto Piracema, Secção Pesquisa. R. Monroe, 179, Santa Tereza, 90810-220, Porto Alegre, RS, Brasil. *E-mail*: <marilu.medeiros@yahoo.com.br>.

Introdução

Pensar um enxameamento

Este texto trabalha a produção de desejo como uma potência nômade, aberta à criação. Essa noção de nômade se institui como um espaço-tempo à produção, "sem atrelamentos ao pré-determinado, seja pela lei, seja pelo contrato ou por qualquer institucionalização" (Deleuze, 2006a, p.270). Implica descartar-se de modelos prontos e insípidos para entrar na vida, na criação, na batalha. Criação essa que se dá em múltiplos espaços e em uma multiplicidade. Modos que configuram o desejo, sua produção e jeito de operar, tanto como uma máquina de guerra, criação em processo, quanto capturados, nesse desejo, por produções impotentes, máquinas despóticas. Produção de desejo que emerge na produção de práticas, de projetos e experimentações únicas em uma Rede de Ensino Municipal; se instaura, progressivamente, nos usos de espaços de liberdade para gestar processos administrativos autônomos, assim como crescem projetos e experimentações únicas em cada escola, como Escola de Circo em umas, Contadores de História em outras, Projetos de Robótica, sendo cada um desafiado por problemáticas diferenciadas, que tocam com intensidade diferente a cada uma. Em todas instauram-se Projetos Político Pedagógicos únicos e singulares.

A etimologia da palavra *desejo,* do latim *desiderium*, *desiderare*, pode referir-se à decisão de tomar o destino nas próprias mãos, reafirmando tanto a potência quanto a impotência vinculada ao esmagamento do desejo. Um processo de produção que carrega sua própria força.

O mesmo exercício em relação ao enxamear conduz à ideia provinda do latim *examen* e que está vinculada a sentidos como aglomerar, apinhar, vir em grupo, alastrar-se, ocupar, formar outras colônias, como aquele que viaja com pouca bagagem. Unida ao desejo, em sua dimensão rizomática de proliferar, luta por ocupar, alastrar-se infinitamente como um espaço dançante que conduz a uma produção intensa, mesmo e, principalmente, sem objetivar unidade ou totalidade.

Ao traçar uma síntese, inclusive disjuntiva, entre enxamear e desejo, fronteiriça o entendimento de lidar com a vontade de potência que vive nas escolas, nas fábricas, quartéis e prisões e que fala de um fluxo de produção, nada a ver com falta, com prazer[2], com descarga, mas como aquele que se abre à criação, circulando no dispositivo do heterogêneo, nos dispositivos de poder, como sua contramão nos estados de coisas[3]. O desejo sempre se coloca na linha de uma desterritorialização do dado, assumindo-se por novos ou outros modos de se relacionar com as coisas, os eventos, as realidades, os organismos, as organizações, a terra, os animais, enfim, com o próprio corpo.

Essa ação move e faz criar paisagens de outra ordem. Como descobrir, abrir portas e janelas para emergência de desejos múltiplos, outras relações, outras passagens, seja com questões de hierarquia, de gênero, de abuso, de discriminação, de exclusão, de falsa inclusão, de más políticas ou outros, já que não seriam os dispositivos de poder que determinariam desejos, mas desejos que desterritorializariam dispositivos de poder, reconfigurando as formações do mesmo (Deleuze, 2007).

O desejo é definido "como processo de produção, sem referência a qualquer instância exterior, falta que viria torná-lo oco, prazer que viria preenchê-lo" (Deleuze & Guattari, 1996, p.15). Pode-se pensá-lo, na contramão dessa falta e abordagem de poder (Deleuze & Guattari, 1966), pelas dimensões que o

[2] E aqui um dos pontos de desengate com as propostas de Foucault, uma vez que este autor, diferentemente de Deleuze e Guattari (2006) vem tratar do desejo como prazer (Deleuze, 2007). Para Deleuze (2007), desejo não se coloca na ordem da falta, nem de uma determinação do natural, estando nas linhas de fuga, não na de repressão. Ele vaza, descodifica, se singulariza.

[3] Estado de coisas como referindo-se ao instituído, ao dado, ao estabelecido, geralmente, pela forma-Estado, assim como pelas organizações despóticas. Volta-se às palavras de ordem, assim como a ordem das palavras que a todos subjuga, sem questionar, já que se funda na absoluta lei, ordem ou contrato (Deleuze, 2006a).

castram e, desse modo, se associam, (1) a uma lei negativa, à regra extrínseca e ao ideal transcendente (Deleuze & Guattari, 1996), ou seja, a lei negativa da falta; (2) à regra exterior do prazer, associando-o ao prazer, a uma descarga necessária para, então, eliminá-lo; assim como incluem, ainda, (3) o ideal transcendente do fantasma, acoplado que está (4) ao conjunto de significâncias, para restringi-lo, postergá-lo para uma eternidade sempre adiante, sem vazá-lo por multiplicidades, por múltiplos sentidos e intensidades (Deleuze, 2007). Desejo que pode se afigurar "de um futuro de melhora de vida nesse ou noutro mundo, da recompensa no futuro, da ideia de esperança, o que só funciona como um postergador que faz esfumaçar o desejo, castrá-lo, se possível", como diz Deleuze (2007, p.124). Ignora-se, com isso, (5) "o processo contínuo do desejo positivo". Existe uma "alegria imanente ao desejo", instigam Deleuze e Guattari (1996, p.16), o que não implica falta de qualquer ordem.

O desejo traz, em si mesmo, uma potência de agir, mesmo quando isso se dá em uma perspectiva de paixões tristes, embora esta o diminua, despotencialize. O desejo opera e busca seu motor vinculado à potência e ao agir por paixões alegres. Não se confunde, até (1) se opõe ao estado de coisas; (2) não é natural quase nunca, como tentam descrever, numa visão tradicional e carregada de mística, idealismo e moral, como sendo algo natural ou espontâneo; (3) como anti-representação, (4) não é concebido como falta; além disso, em sua proposta geralmente ensandecida ou fora da ordem estabelecida marca sempre (5) um processo de desterritorialização do dado ou instituído, (6) delineando "novas relações com a terra, os animais, o amor, o gênero, a família, as crianças, os velhos, a homossexualidade, as minorias, as trocas econômicas ou sociais, a religião, as crenças, a história e seus modos de tratar essas mesmas relações" (Deleuze, 2007, p.123). (7) Ele, finalmente, é, em si, sempre produção. E como produção pode, como instigam Deleuze e Guattari (1966), também produzir forças repressivas. Assim, no caso do fascismo e do nazismo, afirmam: "as massas não foram enganadas, elas desejaram o fascismo num certo momento, em determinadas circunstâncias, e é isto que é necessário explicar, essa perversão do desejo gregário" (Deleuze & Guattari, 1966, p.33).

Desejo que produz fluxos, linhas de fuga, outros modos de pensar e agir, outras imagens do pensamento as quais rompam com os grandes instrumentos de codificação, como: a lei, o contrato e a instituição; sobre essas "codificações florescem nossas burocracias" (Deleuze, 2006b, p.320-321) opondo-se ao estado de coisas sempre instaurado. Há de se ter, como convida Deleuze (2006b, p.322), uma "espécie de simpatia, de empatia ou de identificação". Um colocar-se em sintonia com o outro. "Uma relação que não seria nem legal, nem contratual, nem institucional" (Deleuze, 2006b, p.322). Nessa sintonia, se estaria sempre desfazendo, embaralhando códigos com forças que não estão no significante nem na significância como movimento imaginário da lógica de representação, da lógica identitária. São modos de uma intensidade que levam cada vez mais longe e que apontam ao desejo uma condição de provocador, de afeto, provocando potências. Nada natural ou derivado de uma pulsão. Nada que, no momento, "se possa traduzir em lei, em contrato, em uma instituição" (Deleuze, 2007, p.127). Movimento que se faz quando o Estado busca descodificar o que desejam sobrecodificar ao se apropriar das ideias e desejos dos outros, desqualificando-os, enquadrando-os em leis, em contratos, em instituições, bem como buscando naturalizar o próprio desejo como físico ou até de uma ordem supra transcendente. Enquadramento que descaracteriza movimentos, criações. Desqualifica a ação nômade, impedindo-a de inventar um outro mundo, uma outra relação com o mundo (Deleuze, 2006b, p.322). Um corte na possibilidade de enxameamento.

Impulsão de um "enxameamento ao infinito" deixando vazar os desejos nas escolas, nas fábricas, nos quartéis, nas creches, nas prisões, nos hospitais etc. (Deleuze, 2006a), em todos os quadrantes e interstícios existentes como expressão de "vontades e potências desejantes", e em cujo interior não se busca adaptar, socializar, disciplinar (Deleuze, 2006a, p.337); uma ou muitas ramificações, com suas

possibilidades múltiplas, assim como suas linhas de fuga, seus fluxos desterritorializantes, sem centro, sem hierarquia. Melhor, rizomas se formando, se desmanchando, se espraiando, uma vez que rizomas se opõem à lógica binária presente na árvore-raiz, trabalhando, então, com a multiplicidade. Opõe-se, assim, a sistemas centrados, arborescentes, pois está sempre se conectando, à semelhança da grama, da erva-daninha. Sempre em potência, se retomando, se refazendo, por múltiplas entradas e saídas, sempre em conexão, como uma toca. O rizoma se constitui pela condição de ser sem centro, sempre em aberto, se fazendo e, dessa forma, não se decalca, mas se faz mapa, cartografia vibrante, pulsante e em movimento, mesmo quando parado (Deleuze & Guattari, 1995).

Esse desejo se espraiando, sem centro e sem raiz, se exprime, na luta pela instituição e liberação do desejo nas escolas. Contrapõe-se ao domínio, que Foucault (1982) denomina como disciplinarização; parte de uma sociedade disciplinar que mata desejos e que Deleuze (1992) trabalhou como uma sociedade de controle; desqualifica criações; impede expressões anti códigos. Incluem, também, ações que esvaziam palavras de ordem, já ocas em sua forma, pelo que enformam, deformam, formam dentro de um quadrado restrito. Deleuze e Guattari (2006, p.333) bem afiançam que "o problema do ensino não é um problema ideológico, mas de organização do poder".

Essa luta do humano por uma outra relação ou vínculo com o mundo se expressa da mesma forma na busca pelo desejo nas fábricas, explorando uma sobrecodificação a qual desqualifica o trabalho, desumanizando-o e tranformando-o em dinheiro, capital sem valor. Uma transformação de potências em impotências pela sobrecodificação do trabalho como sem capital, mesmo que sobre ele paire um nome de capital humano, para um capital econômico que o subordina, o excluí e o diminui.

Colocar-se na luta pelo desejo nos quartéis explicita um jogo perverso de poder, pois, em nome de uma ordem e de segurança, subordinam-se atrocidades, desmandos e desrespeitos aos mínimos direitos, quiçá ao ao marcante e sempre presente desejo. Uma sociedade de controle (Deleuze, 1992) a qual subjuga e sobredetermina vontades e poderes para prover obediência, submissão inquestionável, ordem acima de tudo e todos.

O problema do cerceamento do desejo nas creches constitui-se, por sua vez, no esquadrinhamento institucional das crianças desde a tenra idade passando tanto pela carteira de vacinação, associações de proteção e promoção e seguridade social quanto por uma apropriação da criança, seu domínio e esquadrinhamento por leis, contratos e instituições, mesmo que no afã de protegê-la e de liberá-la em seus desejos (Deleuze & Guattari, 2006). Além disso, a criança sofre uma infantilização, que não é dela, pois a sociedade a constitui como inapta ao testemunho, não tendo fé testemunhal, não sabendo se expressar, porque não escreve, não lê ou não se exprime na linguagem adulta, embora sejam os adultos que infantilizem sua linguagem e assim por diante.

A luta pelo desejo nas prisões indica um esquadrinhamento que visa dominar, na pretensão de ressocializar, induzindo a um cerceamento cada vez maior, pois na prisão há sempre um lugar pior, seja a cela, a solitária, o domínio do medo e da submissão aos poderes (Deleuze & Guattari, 2006). Evidencia-se, segundo Deleuze e Foucault (2006), a indignidade de falar pelos outros, toda uma expressão de tecnologias de poder, matando o desejo de uma forma cínica sob uma capa de moralidade e justiça, sob a justificativa de tenho razão em punir, pois vocês sabem que é desonesto roubar, matar. Com isso, as pessoas se tornam prisioneiras de sua própria crítica ao se tornarem aquilo que criticam. Se mata, pune exacerbadamente para mostrar ao outro o erro presente em sua ação, obliterando que se está fazendo o mesmo em alguma medida.

Por sua vez, nessa mesma linha, o corte do desejo nos hospitais tem a ver com a produção da cura, assim como com a manutenção de corpos doentes, garantindo a supressão da força do desejo e a instauração de processos de impotência (Deleuze, 2006a). Desejo nos hospitais que, em nome da saúde, docilizam e submetem corpos a situações, algumas vexatórias e indignas, sem nenhum questionamento moral, religioso ou mesmo ético.

Em todas essas vertentes há uma vontade de achatamento, uma busca de esmagamento do desejo para compor uma realidade aparentemente ordenada e segura, quando, em verdade, só expressa uma outra vertente de um espaço subserviente, dominado, domado; um ordenamento fechado que busca a tudo tomar por palavras de ordem. Da mesma ordem, vertentes de resistência, de produção de singularidades, de expressão de potências de agir. Neste texto, explicita-se, de um modo um pouco mais sutil, a produção do desejo nas escolas como um modo de efervescência da potência de agir e da singularidade da ação.

Por um problema revolucionário

O problema revolucionário, nessa perspectiva, exige uma abordagem que se mostra (1) a partir de um encontro, já que o (2) desejo nasce fora, de uma experimentação e (3) de uma intensidade processual e maquínica; (4) da luta que não é capturada pela organização despótica do aparelho de Estado; (5) de uma expansão por turbulência; da constituição, principalmente, (6) de espaços lisos, em cujo interior e exterior se ocupa sem contar; (7) por uma ciência nômade; e, finalmente, por (8) dar voz às minorias[4]; por (9) dar voz e vez ao desejo (Deleuze & Guattari, 1997).

Ao entender esse problema revolucionário como dependente de bons *encontros*, assume-se que tudo é encontro nesse universo. Buscam-se esses bons encontros, os quais potencializam, assim como evitam-se os maus, que esmagam, provocam paixões tristes. Esses encontros não ocorrem a partir de apresentação de regras como verdades únicas, muito menos de supostas individualidades se afirmando como unidades; muito mais como algo ocorrendo entre dois, sem se colocar como autor. Mais, como produções de passagens, outras geografias, outras cartografias. Muito mais na produção, turbilhonamento e expansão do desejo, que não se esvai numa descarga à semelhança do prazer, mas mantém e dá sustentação intensa à vida e à liberdade.

Para produzir problemas revolucionários identifica-se, descobre-se a presença não de sedentários nem de migrantes, mas de nômades os quais se mostram por faces múltiplas, desafiadoras, mutantes, abertas à mudança e, assim, ao acolhimento do desejo. Uma fuga das condições régias seja do local, da ciência, da vida, da política. Essas fugas são eminentemente intensas quando se mostram ou mostram as singularidades em cada escola ou fazem reverberar, de modo unívoco, o desejo que se manifesta diferentemente em cada projeto. Assim, escolas da Rede Municipal se encantam e cantam com projetos diferenciados para promover o letramento, a matematização ou a expressão do sensível, da produção de criação. Uma política, além disso, que opera e reconhece o poder das minorias, tenham elas a cor, o gênero, a característica e a força que se apresentem, já que intensas essas minorias sempre o são, assumindo, essa política, a condição de ouvi-las em seu desejo coletivo.

Ora, no paradoxo das lutas pela expressão do desejo, o que comumente se vê, mesmo que em nome dessa não-captura, reside exatamente na entrega, após algum tempo, à própria organização despótica da qual se tentou fugir e com a qual se lutou contra. Pode ser uma organização mostrada de outro modo; no entanto, trata-se do mesmo. Um dos grandes desafios a que cada um se expõe, já que imerso, entranhado nele: o de não se deixar capturar pelas malhas e linhas de um fascismo presente na subjetividade de cada um, esse um outro paradoxo passível de manifestação no afetamento por potências.

A forma-Estado, essa máquina geralmente despótica e apegada às leis, aos contratos e à montagem de instituições, tende a reproduzir-se, idêntica a si mesma (Deleuze & Guattari, 1997). Em oposição a ela e, muitas vezes dentro dela, mas numa contramão, estão as máquinas de guerra, as máquinas revolucionárias. A máquina de guerra, geralmente, não sobrevive à forma-Estado, uma vez que a explosão do desejo a faz ser implodida pela máquina despótica

[4] Minorias. Segundo Deleuze e Guattari (1997), não se definem, necessariamente, pelo número. Muito mais pelo que se afastam da verdade redundante, como fluxo, conjuntos não numeráveis e não subjugados ao Estado, aos axiomas, embora possa se valer deles, como, por exemplo, a luta do homossexualismo pelo direito, a das mulheres pelo voto ou pelo aborto, luta pela dignidade de vida, entre muitas outras.

seja na escola, na prisão, na fábrica, nos hospitais, em qualquer organismo que tente pensar, "pensar fora da caixa". Esse "pensar fora da caixa" só é aceito pela forma-Estado enquanto serve a seus propósitos de lucro, dinheiro e de uma nova organização de poder mantido por palavras de ordem. O Estado, em suas múltiplas formas e, também, na multiplicidade de modos de se reinventar para viver, é soberano. No entanto, como convidam Deleuze e Guattari (1997, p.23) essa soberania só se mantém "naquilo que ela é capaz de interiorizar, de apropriar-se localmente". Assim, o Estado pode ser global, mas as apropriações são enfaticamente locais. Pode constituir-se, inclusive, como parte de uma máquina de guerra, de um espaço liso, de um pacto revolucionário. O Estado tende a sempre se reconfigurar numa soberania, fundada em suas três grandes âncoras: a lei, o contrato e a instituição.

É desse modo que essa forma-Estado constitui sua política numa ordem em cujo interior, ao garantir sua ordem e segurança, fabrica seus excluídos, seus condenados, seus incapazes, seus doentes, seus improdutivos, seus insubordinados/subordinados, todos aptos a serem excluídos e punidos de alguma forma. Caberia um estudo acerca dessa "economia do desejo da máquina social", seus modos de agir (Deleuze, 2006a, p.335), como diz Deleuze, "essas máquinas de esmagar o desejo", ou, pelo menos, de capturá-lo, desqualificá-lo, imobilizá-lo ou marginalizá-lo. O partido também se constitui, junto das três âncoras, um embrião do aparelho do Estado como castrador de desejo. Inclusive os militantes, os revolucionários, tendem em sua maioria e em alguma circunstância a se deixar empolgar pelo aparelhamento e pedem ordem, uma burocracia para auxiliar, também, a revolução. O militante, assim, não carrega em si e independente de tudo uma aura ou uma potência eterna de desejo e de paixões alegres, revolucionárias; a revolução não é sua propriedade exclusiva. A própria palavra de ordem assumida nos espaços revolucionários não deixa de ser, paradoxalmente, um acolhimento a uma ordem supra instituída, mesmo que em nome de uma revolução, "um pensar por fora da caixa". Bizarro, mas comum.

O desejo que se manifesta e é acolhido nas escolas da Rede de Ensino diz a respeito desse assumir que foge de um aparelhamento de Estado quando conectado a ele. Linhas de fuga criativas e singulares emergem e dão voz ao canto, à música e à dança, a um modo único de ler, a um desafio de produzir ciência, mesmo que não a ciência régia. Um modo de matematizar, como nos Projetos de Robótica, os quais qualificam as ações dessa rede fazendo-a disputar espaços junto às escolas de cunho privado da cidade e do país, mantendo, contudo, sua singularidade.

Assumir de um aparelhamento, por outro lado, seja em que vertente for, da escola, da prisão, da fábrica, entre outros, indica tanto uma repressão natural por parte do capitalismo mundial como também uma expressão do desejo por parte desse mesmo capitalismo em sua forma-Estado. Ele se traveste e sabe se mostrar sedutor às hordas revolucionárias, capturando-as em suas malhas de capital-dinheiro. Desse modo, o capitalismo também se mostra em sua versão de desejo, assim como em sua versão repressora. Ele, em seus instrumentos de exploração, está lá, sempre pronto a operar a pleno vapor no esmagamento do desejo revolucionário, da mesma forma que, muitas vezes, o próprio processo de revolução o instiga como um fascismo. Como alertam Deluze e Guattari (2006, p.339):

> ou se chega a um novo tipo de estruturas que conduzam finalmente à fusão do desejo coletivo e da organização revolucionária; ou se continua no impulso presente e, de repressões em repressões, caminharemos para um fascismo ao pé do qual Hitler e Mussolini parecerão uma brincadeira.

Cabe, então, uma vigia permanente desse fascismo, força esmagadora de desejo que também se instaura em nós mesmos, como um fascismo impregnado na intimidade de cada um, aquele modo estriado, cortante, acachapante de operar que a tudo tende a homogeneizar, buscando, assim, suas bases identitárias, de únicos num processo representativo, de verdades únicas, de saberes inquestionáveis, de ordens a serem, sempre, obedecidas. Isso mata um processo e um problema revolucionário, pois o

esquadrinha e o enquadra no *status quo* de uma realidade mesmo que farsante e modelizante.

O problema revolucionário hoje e suas lutas pontuais

Como fazer senão lançar-se num comboio em movimento, à semelhança de Deleuze e Guattari (2006), tentando se ver e fazer, (1) acatar que um encontro que afeta, pois tudo é encontro nesse universo; (2) jogar-se em um processo de uma intensidade vibrátil que afoga e, ao mesmo tempo, traz o ar fresco que permite o respiro; (3) não deixar-se capturar pela organização despótica do aparelho de Estado, inclusive, do Estado-fascismo em cada um; (4) concretizar-se como desejo nas linhas de fuga, nos fluxos de desejo que jorram por turbulência; (5) assumir-se como um nômade, mesmo parado, viajando no mesmo lugar; e, finalmente, (6) ocupar sem contar, sem capturar ou esmagar o desejo, (7) ouvir os clamores de desejo das minorias revolucionárias (Deleuze & Guattari, 1997).

Quando se fala *de encontro*, assume-se aqui a ideia de um lugar instituínte de um bom ou mau encontro, pelo que se consegue afetar/ser afetado de/por um corpo[5]. Pode ser, inclusive, um espaço-tempo de um não-lugar, um corpo múltiplo, um corpo que deseja e cria sua potência. Afetar-se e deixar-se afetar marcam esses espaços-tempo de encontros os quais podem gerar possibilidades quando aumentam a potência do indivíduo e são marcados por paixões alegres. Também produzir encontros que despotencializam, provocam paixões tristes. Maus encontros. Destes o indivíduo se afeta até para criar bons encontros, potências de agir, sem, com isso, trocar pelo modelo dado pelo prazer. Isso pode ocorrer no jogo comercial, industrial, cultural, de relações humanas, enfim. Nesse interjogo o homem se coloca e estabelece modos de operar encontros. Envolvidos por paixões alegres em intensidades vibráteis que empurram para possibilidades de embaralhar códigos. Com isso, desfazem-se paixões tristes, ou maus encontros, e impulsionam-se bons encontros para garantir a possibilidades de criação.

Ainda, quando esses maus encontros preponderam ou mesmo na presença de bons encontros, de afetações no corpo, é possível ser capturado pela organização despótica e desmobilizadora do desejo. Desse modo, as turbulências, que caracterizam os bons encontros, se instituem como vórtices sugadores de desejo. Ainda uma turbulência esmagadora. Deixa-se também, desse modo, de se constituir nômade e passa-se a operar com raízes, modos arborescentes de viver. Contando para ocupar, no lugar de ocupar sem contar (Deleuze & Guattari, 1997). O desafio revolucionário se empobrece quando se é capturado por modos de contar para ocupar, seja pela lei, pelos códigos, pela ordem, pela estrutura ou instituição, um modo de sobrecodificar.

Como fazer para criar e usar, assim como constituir-se em linhas de fuga, em intensidades? Como dizem Deleuze e Guattari (1996, p.24):

> ter sempre um pequeno pedaço de terra. É seguindo uma relação meticulosa com os estratos que se consegue liberar as linhas de fuga, fazer passar e fugir os fluxos conjugados, desprender intensidades contínuas [...]. Conectar, conjugar, continuar: todo um 'diagrama' contra os programas ainda significantes e subjetivos. Estamos numa formação social; ver primeiramente como ela é estratificada para nós, em nós, no lugar onde estamos [...]. Conexão de desejos, conjunção de fluxos, *continuum* de intensidades.

Ao explorar como essas formações sociais, as quais são combatidas, apropriadas ou estratificadas,

[5] O que pode um corpo, nos desafia Espinosa e o seguem Deleuze e Guattari (1996), um corpo que traz em si espírito e matéria, nada a separar, nada a transcender, nada a supervalorizar em nome de um ou outro, exceto a potência de agir, as potências ativas. Como nos diz Deleuze (1998, p.76), "Espinosa o homem dos encontros [...], sempre o meio, sempre em fuga, mesmo se não se move muito, fuga em relação à comunidade judia, fuga em relação aos Poderes, [...] a Alma e Corpo, a alma não está nem em cima nem dentro, ela está 'com', ela está na estrada, exposta a todos, 'sentir com eles, apreender a vibração de sua alma e de sua carne, na passagem', ao contrário de uma moral da salvação, ensinar a alma a viver sua vida, não a salvá-la".

se instalam, se aprende com Deleuze e Guattari (2006, p.328) ao reacenderem esse desafio de que "O problema revolucionário, hoje, é o de encontrar uma unidade de lutas pontuais, sem recair na organização despótica e burocrática do partido ou do aparelho de Estado". Condições para isso são criadas em cada escola da Rede Municipal de Ensino quando gestionam o "dinheiro direto na escola" como um modo autônomo de resolver questões de manutenção e melhoria nas unidades escolares em cada região e microrregião. Há que resguardar a não existência de "uma totalidade daquilo que se vai vendo, nem uma unidade dos pontos de vista, mas apenas a transversal que o desnorteado viajante traça entre uma janela e outra de um comboio, 'para re--aproximar, para re-enquadrar os fragmentos intermitentes e oposto' re-aproximar, re-enquadrar" (Deleuze & Guattari, 1966, p.46). Desse modo, esse trajeto carrega em si a possibilidade tanto de operar por minorias e, assim, produzir a diferença, quanto gerar estratificações, reterritorializações sobrecodificadoras de enquadramento nos aparelhos de Estado. Essa captura traz em seu íntimo o esmagamento do desejo, supressão de devires.

Por sua vez, as potências nômades, em oposição aos enquadramentos à forma-Estado, "se distribuem num espaço liso, ocupando, habitando e mantendo esse espaço. Por isso, é falso definir o nômade pelo movimento" (Deleuze & Guattari, 1997, p.52). Assim,

> O nômade não tem pontos, trajetos, nem terra, embora evidentemente ele os tenha. Se o nômade pode ser chamado de o desterritorializado por excelência, é justamente porque a desterritorialização não se faz depois, como no migrante, nem em outra coisa, como no sedentário (com efeito a relação do sedentário com a terra está mediatizada por outra coisa, regime e propriedade, aparelho de Estado (Deleuze & Guattari, 1997, p.52).

O nômade se desterritorializa na própria desterritorialização, fazendo do pensamento nômade uma potência desterritorializada sob a forma de insubordinação ou não captura às palavras de ordem, uma máquina de guerra (Deleuze, 2006b, p.328). Opera para gerar potências nômades no chão das escolas, das fábricas, das creches, das prisões, dos quartéis e dos hospitais, para citar algumas das instituições em cujo interior opera um desejo coletivo. Detalham uma região que se manifesta na vida.

Experimentações de vazar, borrar fronteiras instigam pelo esforço de criação. Um bom encontro, encontros que são díspares e, assim, podem compor potências, assim como despotencializar, enfraquecendo as relações, respectivamente, em bons ou maus encontros, variáveis a cada instante (Deleuze, 1998). Quando essas ações vazam o fazem porque "afetam uns aos outros, à medida que a relação constitui uma forma, um grau de potência, um poder de ser afetado" (Deleuze, 1998, p.73). Nesse afetar-se, "emergem impotências e paixões tristes, quando essas potências nos dominam e não nos facilitam criar" (Deleuze, 1998, p.73); por outro lado, desenvolve-se paixões alegres quando há composição e se é afetado por processos de criação, de aumento de potência (Deleuze, 1999).

São base de uma boa política. Uma (1) "política se faz ao embaralhar os códigos, (2) ao assumir que o real acontece no chão de fábrica, nas escolas, nas prisões" (Deleuze, 2006a, p.270). Nessa política, se faz presente (3) um modo de colocar-se na vida, sem dizer ao outro o quê e como fazer, (4) em uma política a qual não se instaura e se exaure em seu sentido tradicional (Deleuze, 2006a), ao desenfatizar competências e distribuição de poder, de instâncias tidas como representativas, (5) assumindo a fabricação dos excluídos e de seus condenados; (6) uma política que ocupa sem contar, libertando, no lugar de ocupar para contar, subordinando; (7) é na terra que se origina o real do que acontece em suas micropolíticas (Deleuze, 2006a).

Essa força revolucionária (Foucault, 1990) se faz por regimes moleculares de produção do desejo, pressupondo nessa adjetivação molecular[6] a

[6] Deleuze e Guattari (1997), a oposição molar e molecular vem dizer daquilo que é institucional, estriado, vinculado a leis, códigos; molecular associa-se ao espaço liso, à criação, à produção do desejo.

formação de espaços lisos, propícios e abertos à criação, à produção do desejo. Este vaza, borra fronteiras e possibilita essas micropolíticas. Aliás, são essas ações de micropolíticas que traçam o desenho fluido de uma instituição com uma política metamorfoseada e desterritorializada que envolva um ouvir, um usar da palavra para conversar, reinventando a inclusividade nessa mesma política. Uma política que se preocupa com as margens, o marginal, não para mantê-lo nas bordas, mas para incluí-lo como fazedor dessa história (Foucault, 1990; 1992). Com isso, viver a diferença, assumindo-se para além de uma ideia de respeito e tolerância (Habermas, 2007; Forst, 2009) à mesma, já que imersa em uma igualdade dissensual, sem subsunções, subordinações, impedimentos ou desaparecimento.

Quando se explora o enxameamento do desejo nas escolas (Deleuze, 2006a), se está lidando com o desafio de provocar espaços lisos e moleculares para a exploração e produção desejante na ensinagem sem modelos, na avaliação sem prescrições, bem como na luta contra suas construções de excluídos. Uma avaliação que inclua e promova nos modos anti-soberanos e anti--despóticos de afastar e esmagar desejos.

O desejo nas fábricas é explorado pelo modo não perverso de lidar com capital-dinheiro, sem gerar excluídos de um sistema escravocrata presente ainda no século XXI. Uma fábrica que clama por sua subjetivação de seus desejos coletivos de uma igualdade de trabalho, de gênero, de funções (Deleuze, 2006a); que clama por políticas de direitos humanos e sociais, uma política de liberdade.

Desejo nos quartéis diz da luta para um modo não hierarquizante e massificador de agir, abrindo-se à criação sem instaurar a obediência cega com base na sobernania e no soberano hierárquico. Como abrir espaço ao dissenso num espaço-tempo de uma organização marcada pela verticalidade. Como inserir diagonais nesses processos relacionais se assim puderem se instituir? Como ver algo além da ordem pré-estabelecida e fechada em seus códigos (Deleuze, 2006a)? Como desregular as ações instaurando o *desejo nas creches* para permitir o desenvolvimento de crianças em espaços, não de depósito, de guarda, mas de criação? Da mesma forma, como garantir direitos de cidadania a uma infância abandonada que só hoje começa a ser cidadã de direitos no país, ainda que parcos (Deleuze & Guattari, 1996)?

Igualmente desafiador, objeto de muitos olhares, o desejo nas prisões traz embutido tanto a ideia de não falar pelo outro quanto de garantir direitos a essas pessoas sem direito que, muitas vezes, não são consideradas nem mesmo como pessoas (Foucault, 1983; 2010). Atitudes de exclusão de direitos em nome de uma ressocialização, transformam as pessoas naquilo que criticam. Assim, ao promover essas ações excludentes, inclusive de vida, se é tão desviante e infrator quanto os que são acusados e aos quais se excluem os direitos.

Finalmente, o desejo nas ruas aponta para eventos que, maciçamente, marcam o presente século e falam de um lugar até então pouco utilizado. Manifestações dessa ordem são expressas ao longo da história, mas ganham espaço, força, adesão múltipla e intensidade atualmente com a contribuição forte, vibrátil, demarcada pelas redes sociais. Esse desejo se faz presente e se insurge contra os poderes criando outros grupamentos e níveis/estilos de poder. Como se potencializar com esses encontros? Como desafiam Deleuze e Guattari (1966), cabe funcionar muito mais como analisadores de vontades e potências desejantes que se expressam hodiernamente nas ruas, no lugar de interpretá-las ou até mesmo ignorá-las por uma ótica soberana e esmagadora, sobrecodificadora de desejo. O que vale "não é uma unificação autoritária, mas antes uma espécie de enxameação ao infinito: os desejos nas escolas, nas fábricas, nos quartéis, nas creches, nas prisões, nas ruas etc." (Deleuze, 2006a, p. 337).

O desejo enxameado: não a uma unificação autoritária

O problema de uma política, uma boa política, leva a pensar em como garantir uma ação pública que não seja a do poder, da polícia e da administração (Deleuze, 2006a). Uma que, para garantir sua ordem, assim como seus fluxos, não fabrique excluídos e se constitua em espaços acolhedores de interesses

coletivos de liberdade, sendo, como desafia Deleuze (2006a), uma de suas muitas sínteses. Uma boa política que permita falar e expressar-se numa língua minoritária, revolucionária. Ser capturado por essa língua ou esses modos de operar por algo que não seja codificável (Deleuze, 2006b), ou seja, criar e operar por máquinas de guerras, nômades, que não sejam cooptadas pelos espaços da lei, do contrato ou da instituição como esmagadores do desejo:

> O que nos interessa, é uma espécie de elo que nos leve ao problema político direto, e o problema político direto é quase sempre esse para nós: até aqui, os partidos revolucionários se constituíram como sínteses de interesses em lugar de funcionar como analisadores de desejos das massas e dos indivíduos. Ou então, o que dá no mesmo: os partidos revolucionários se constituíram como embriões de aparelhos de Estado, em lugar de formar máquinas de guerra irredutíveis a tais aparelhos (Deleuze, 2006a, p.352).

Como anunciam Deleuze e Guattari (1997), como nômade, em suas lutas pontuais, essas máquinas de guerra inventam o sonho e a realidade abolicionista. O enxamear ao infinito, com suas lutas pontuais, se constitui em passagens, devires e retornos a espaços múltiplos e abertos. Nesses termos,

> Já não acreditamos numa totalidade original nem sequer numa totalidade final. Já não acreditamos na velha pintura de uma dialética evolutiva, que pensa que pacificou os pedaços porque lhes arredondou as arestas. Só acreditamos em totalidades ao lado. E se encontrarmos uma totalidade ao lado das partes, ela será um todo dessas partes, mas que as não totaliza, uma unidade de todas essas partes, mas que as não unifica, e que se lhes junta como uma nova parte composta à parte. [...] Proust dizia que o todo é produzido como uma parte ao lado das partes, que ele não unifica nem totaliza, mas que, ao aplicar--se sobre elas, apenas instaura comunicações [...] entre vasos não comunicantes (Deleuze & Guattari, 1966, p.45).

Desse modo, o desejo se faz, como o convite feito por Deleuze e Guattari (1966), no enfrentamento e no viver essas lutas, esses enxameamentos. Apenas *uma transversal* que cada um desenha, percebe, cria em movimento, reaproximando fragmentos muitas vezes opostos. O desejo está inserido nesse olhar e ele o produz. Um desejo que é multiplicidade, que não se restringe a uma síntese, seja de que ordem for; um desejo que se multiplica ao infinito, numa transversal. Essa transversal, espaço de criações e da produção do desejo, maquina ações e cria realidade de outras ordens que facultam, também, a instauração de grupos sujeitos em busca de espaços de produção desejante.

Ao explorar modos de pensar e de se fazer no mundo de Proust, Deleuze (2010, p.119) fala dessa transversalidade, reafirmando que "em todos as partes fechadas, existe um sistema de passagem, que não se deve confundir com comunicação direta nem de totalização". A obra de Proust, segundo Deleuze (2010, p.119), também:

> Consiste em estabelecer transversais que nos fazem saltar de um a outro, de uma palavra a outra, sem nunca reduzir o múltiplo ao uno; sem nunca reunir o múltiplo em um todo, mas afirmando a unidade bastante original daquele múltiplo, afirmando, sem os reunir, todos esses fragmentos irredutíveis ao todo. O ciúme é a transversal da multiplicidade amorosa; a viagem, a transversal da multiplicidade de lugares; o sono, a transversal da multiplicidade dos momentos.

Da mesma linha que a transversal, Deleuze e Guattari (1997) vem propor a ideia de trans-consistência associada à cidade. Cidade que se coloca na oposição à figura do Estado, com suas sobrecodificações, reterritorializações do desejo na máquina do Estado, da forma-Estado. Esse espaço constitui-se um correlato da estrada, com suas circulações, circuitos, entradas e saídas.

Novos espaços-tempo são inventados em outros universos de referência. As pessoas se assumem como capturadas por uma cidade, mas nômade em suas vias. Uma cidade inclusiva, acolhedora da diferença. Desenha-se, com essa ideia, uma formação da cidade que não se funda no medo e na esperança, como o medo de um mal maior,

esperança de um bem maior (Deleuze, 1990). Uma cidade a propor "o amor da liberdade mais do que a esperança das recompensas ou mesmo a segurança dos bens" (Deleuze, 1976, p.38), acatando que medo e esperança são expressões de paixões tristes. Uma luta pontual, revolucionária que busque um presente construído, criado pelo amor à liberdade, sem castigos ou recompensas, sem medos e falsas esperanças. Espinosa (1992) desafia a viver nessa cidade, sem medo e esperança, somente na luta por paixões alegres; mais que isso, por potências ativas, bons encontros. Lutas pontuais.

Faz parte da boa política (Espinosa, 1992) expressar o apetite e a potência de agir como uma ação imanente ao desejo. Algo relativo e em relação ao poder, pressupondo o aumento de potência de cada um, como uma teoria da crença coletiva. Fugir das paixões vinculadas tanto ao medo quanto à esperança, pois essas simplesmente reforçam imagens de um poder que transcende ao homem comum, beirando a soberania em suas múltiplas expressões. A paixão do medo e mesmo a esperança alimentam a impotência, podendo conduzir à servidão e ao esmagamento do desejo. A desterritorialização desse potencial de medo e esperança trazem, de retorno, a potência do desejo, a possibilidade de uma criação.

A proposta de enxameamento ao infinito bate com as ideias defendidas por Espinosa (1992) e reafirmadas por Deleuze (1976) ao colocarem-se contra aqueles valores transcendentes que se orientam contra a vida, estando a vida "envenenada pelas categorias do Bem e do Mal, da falta e do mérito, do pecado e da remissão" (Deleuze, 1992, p.32). Defende-se, com isso, as paixões alegres, insurgindo-se contra as tristes, paixões que nos despotencializam. Consegue-se ver negatividade (Deleuze, 1992, p.32) contra as quais se deve lutar, pois "é aos escravos, não aos homens livres, que damos recompensas por boa conduta", até na esperança e na segurança, instando que a verdadeira cidade propõe a cada um na coletividade o amor da liberdade, no lugar da esperança, da segurança cerceadora e das recompensas.

Referências

Deleuze, G. *Espinosa e os signos*. Porto: Rês, 1976.

Deleuze, G. *Post scriptum* sobre sociedade de controle. In: Deleuze, G. *Conversações*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992. p.219-226.

Deleuze, G. *Diálogos/Gilles Deleuze, Claire Parnet*. São Paulo: Escuta, 1998.

Deleuze, G. *Spinoza y el problema de la expression*. Barcelona: Atajos, 1999.

Deleuze, G. *A ilha deserta*: e outros textos. São Paulo: Iluminuras, 2006a.

Deleuze, G. Pensamento nômade (1973). In: Deleuze, G. *A ilha deserta*: e outros textos. São Paulo: Iluminuras, 2006b. p.319-330.

Deleuze, G. Deseo y prazer. In: Deleuze, G. *Dos regimenes de locos*: textos y entrevistas (1975-1995). Valencia: Pre-textos, 2007. p.121-129.

Deleuze, G. Ocupar sen contar: Boulez, Proust y el tiempo. In: Deleuze, G. *Dos regimenes de locos:* textos y entrevistas (1975-1995). Valencia: Pre-textos, 2007. p.263-271.

Deleuze, G. *Proust e os signos*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

Deleuze, G.; Foucault, M. Os intelectuais e o poder (1972). In: Deleuze, G. *A ilha deserta*: e outros textos. São Paulo: Iluminuras, 2006. p.265-274.

Deleuze, G.; Guattari, F. *O anti-Édipo, capitalismo e esquizofrenia*. Lisboa: Assírio & Alvim, 1966.

Deleuze, G.; Guattari, F. *Capitalismo e esquizofrenia*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995. p.11-16. v.1.

Deleuze, G.; Guattari, F. Como criar para si um corpo sem órgãos. In: Deleuze, G.; Guattari, F. (Org.). *Mil platôs*: capitalismo e esquizofrenia. Rio de Janeiro: Editora 34, 1996. p.11-33. v.3.

Deleuze, G.; Guattari, F. *Mil platôs*: capitalismo e esquizofrenia. Rio de Janeiro: Editora 34, 1997. v.5.

Deleuze, G.; Guattari, F. Sobre o capitalismo e o desejo (1973). In: Deleuze, G. *A ilha deserta*: e outros textos. São Paulo: Iluminuras, 2006. p.331-344.

Espinosa, B. *Ética*: Parte III. Lisboa: Relógio D´Água, 1992.

Foucault, M. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1982.

Foucault, M. *Vigiar e punir*: nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 1983.

Foucault, M. *La vida de los hombres infames*. Madrid: La Piqueta, 1990.

Foucault, M. *Genealogia del racismo*. Madrid: La Piqueta, 1992.

Foucault, M. *Repensar a política*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010. (Ditos e escritos, 6).

Forst, R. Os limites da tolerância. *Novos estudos CEBRAP*, n.84, 2009. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-33002009800200002>. Acesso em: 15 dez. 2014.

Habermas, J. *Entre naturalismo e religião*: estudos filosóficos. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2007.

Recebido em 19/5/2015, reapresentado em 25/1/2016 e aprovado em 25/2/2016.